

IL VEDOVO (1959)
(“O Viúvo Alegre”)

Realização: Dino Risi / **Argumento:** Rodolfo Sonogo, Fabio Carpi, Sandro Continenza, Dino Risi, Dino Verde / **Fotografia:** Luciano Trasatti / **Som:** Giuseppe Serafini / **Música:** Armando Trovajoli / **Direção artística:** Piero Filippone / **Decoração:** Riccardo Domenici / **Guarda-roupa:** Gaia Romanini / **Maquilhagem:** Telemaco Tilli, Cinzia Bonanni / **Montagem:** Alberto Gallitti / **Com:** Alberto Sordi (Alberto Nardi), Franca Valeri (Elvira Almiraghi), Livio Lorenzon (Marquês Stucchi), Nando Bruno (Tio Armando), Ruggero Marchi (Carlo Fenoglio), Gastone Bettanini, Mario Passante (Comendador Lambertoni), Enzo Petito (Fritmayer).

Produção: Edgardo Cortese, Cino Del Duca, Elio Scardamaglia / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 92 minutos / **Estreia comercial italiana:** 20 de novembro de 1959.

A 11 de Setembro de 1958, a Itália acordava com um dos casos mais mediáticos da sua história: o “mistério da Rua Monaci” ou, como também ficou conhecido, o “caso Fenaroli”. No n.º 21 desse endereço, Maria Martirano tinha sido encontrada estrangulada, no chão da sua cozinha, por um vizinho que entrou, a pedido da empregada doméstica da Sra. Martirano, por uma janela das traseiras do seu apartamento, depois da dita empregada, preocupada por não ver os seus toques à campainha serem atendidos pela patroa, suspeitar que algo estava mal.

O que se seguiu foi o histerismo habitual em muita da imprensa (ou naquela que vende mais): páginas e páginas de histórias, perfis e suspeições, sempre com interrogações sobre os alegados motivos do crime, o passado de cada suspeito, e perguntas sobre “como era possível” que bairros e lugares tão tranquilos ou tão bem reputados, como os da capital romana, pudessem ser o palco de crimes tão frios e calculados sobre pessoas que nada tinham feito, até então, do que simplesmente viver na sua ordem tranquila, moderna e burguesa.

Se uma passagem rápida por livros de História (da humanidade em geral e, especificamente, da romana) poderiam esclarecer alguns desses “mistérios”, realizadores como Alfred Hitchcock fariam, do cinema, toda uma carreira para explicar essa surpresa dos impulsos humanos e dos seus estranhos motivos — sobretudo na paz da vida domiciliária. Em Itália, e no período imediatamente seguinte ao neo-realismo (um movimento que tanto fez, no cinema, para que assumíssemos as terríveis falhas da nossa História e, especificamente, a que se tinha aberto depois da Segunda Guerra Mundial), foi a “comédia à italiana” que, no meio de risos e gargalhadas de um público que, depois do sacrifício da guerra, desejava consumir, veranejar, e ser entretido, foi apanhando várias das

histórias que perturbavam, periodicamente, essa paz consumista e económica em que a Europa agora mergulhava e que era periodicamente apimentada com casos mediáticos como o da Sra. Martirano. Com o decorrer do tempo, descobriu-se que tinha sido, precisamente, o seu marido, Giovanni Fenaroli, a organizar o assassinio da sua esposa com a colaboração de um trabalhador operário da sua empresa (que se encontrava, alegadamente, a caminho da falência, procurando o assassino ficar com o seguro de vida da esposa). Mais coisa menos coisa (Milão em vez de Roma, elevadores em vez de janelas, Sordi em vez de Fenaroli), **IL VEDOVO** acaba por ser a transposição desse caso para o cinema e para a “comédia italiana”.

Ao dizermos “comédia”, falamos, assim, de algo bem superior a gargalhadas ou distrações. Se a “comédia à italiana” instalou-se no tempo como um dos melhores géneros cinematográficos, tal deve-se, precisamente, ao facto de, como outros belos exemplos, ter conseguido colocar um espelho na cara dos espectadores e fazer-nos ver, mais do que os nossos disparates, os nossos defeitos, os nossos vícios, ou a hipocrisia com que teimávamos em viver, no dia-a-dia, enquanto ignorávamos as morais que tínhamos prometido cumprir depois de mais uma tragédia humana (porventura a maior que alguma vez chegámos a viver). E se muito nos rimos nestes filmes, não é por vermos o quão bonitos somos: é por vermos quão feios e inúteis todos nós conseguimos ser.

IL VEDOVO é o encontro, precisamente, de vários “actores” que muito trabalharam para fazer, da comédia, esse assunto bem sério, sendo o primeiro filme que junta Dino Risi, o genial Alberto Sordi e o seu parceiro argumentista Rodolfo Sonego — aquele que era descrito, várias vezes, como o “cérebro” de um actor intenso, excessivo, e feio. Se Sordi nos pode deixar desconfortáveis (como deixou sempre o público italiano bem-pensante), não é pelo excesso (e que nos faz tanto rir) — é por ser o veículo, justamente, para tudo o que temos de ridículo, de inútil, de desonesto, e da nossa recorrente estupidez (e fica explicada, muito rapidamente, a sua escassa utilização por realizadores de “primeira liga”, à excepção de Fellini em **I Vitelloni** e **Lo sceicco bianco**, este último no papel de uma odiosa estrela de fotonovela).

Sordi faria outros filmes, à semelhança de muitos actores cómicos, que provariam o seu talento multifacetado, independentemente de lágrimas e gargalhadas. Mas em **IL VEDOVO**, encontramos um dos melhores exemplos de uma *persona* cómica que muito scandalizou por personificar, sem medo e sem hesitações, os nossos piores defeitos e os nossos maiores excessos. Com ele, não era raro os seus protagonistas ficarem “a perder”, como nos vai ensinando este filme de um homem que só queria ser viúvo. Nós, os espectadores, dizemo-lo sem hesitações: todos ficámos a ganhar com o seu genial e feioso talento.

Francisco Valente